

PSICANÁLISE  
DOS CONTOS  
DE FADAS

Bruno Bettelheim

PSICANÁLISE  
DOS CONTOS  
DE FADAS

Tradução de  
CARLOS HUMBERTO DA SILVA



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2018

Título original: *The Uses of Enchantment*

Autor: Bruno Bettelheim

© 1975, 1976 by Bruno Bettelheim

Todos os direitos para a publicação desta obra em língua portuguesa,  
exceto Brasil, reservados por Bertrand Editora, Lda.

Rua Prof. Jorge da Silva Horta, 1

1500-499 Lisboa

Telefone: 21 762 60 00

Correio eletrónico: editora@bertrand.pt

*Design* da capa: Ana Monteiro

Imagem da capa: Private Collection © Look and Learn/Bridgeman Images

Pré-impressão: Fotocompográfica, Lda.

Execução gráfica: Bloco Gráfico

Unidade Industrial da Maia

1.ª edição: 1985

14.ª edição: novembro de 2011

15.ª edição: junho de 2018

Depósito legal n.º 441 520/18

ISBN: 978-972-25-3648-6



A **cópia ilegal** viola os direitos dos autores.

Os prejudicados somos todos nós.

## AGRADECIMENTO

Muita gente esteve envolvida na criação dos contos de fadas. Muita gente contribuiu também para que este livro fosse escrito. Em primeiro lugar, as crianças — as crianças, cujas respostas me deram consciência da importância dos contos de fadas nas suas vidas; e a psicanálise, que me permitiu um acesso ao significado mais profundo dos contos. Foi a minha mãe que me abriu as portas do mundo mágico dos contos de fadas; sem a sua influência, este livro nunca teria sido escrito. Ao escrevê-lo, recebi sugestões úteis de amigos que se interessaram gentilmente pelo meu esforço. Por tais sugestões estou grato a Marjorie e Al Flarsheim, Frances Gitelson, Elizabeth Goldner, Robert Gottlieb, Joyce Jack, Paul Kramer, Ruth Marquis, Jacqui Sanders, Linnea Vacca e muitos outros.

Joyce Jack reviu o manuscrito; foi graças aos seus esforços pacientes e extremamente sensíveis que ele tomou a forma que tem. Tive a sorte de encontrar em Robert Gottlieb o editor raro que combina em si uma finíssima percepção e, portanto, a mais encorajadora compreensão, com uma sã atitude crítica, o que o torna o mais apetecível editor que um autor pode desejar.

Por último, mas não por ser de menor importância, desejo agradecer com gratidão o apoio da Spencer Foundation, que me tornou possível escrever este livro. A compreensiva simpatia e amizade do seu presidente, H. Thomas James, deu apreciadíssimo encorajamento à minha tarefa.

## INTRODUÇÃO: A LUTA PELO SENTIDO

Se esperamos viver não somente de momento a momento, mas na plena consciência da existência, então a nossa maior necessidade e a nossa mais difícil realização é encontrarmos um sentido para as nossas vidas. É sabido que muitos perderam a vontade de viver e cessaram até de tentar fazê-lo porque a vida deixa de fazer sentido para eles. A compreensão do sentido de vida de cada um não se adquire de repente, em determinada idade, nem mesmo quando já tivermos chegado à maturidade cronológica. Pelo contrário, a maturidade psicológica consiste na aquisição de uma segura compreensão do que pode ou deve ser o sentido da nossa vida. E esta realização é o resultado final de uma longa evolução: em cada estágio procuramos, e temos de encontrar, um mínimo de sentido, adequado à forma como o nosso espírito e a nossa compreensão já evoluíram.

Contrariamente ao mito antigo, a sabedoria não irrompe plenamente desenvolvida, como Atenas da cabeça de Zeus; é construída, passo a passo, a partir das origens mais irracionais. Só na idade adulta é que uma compreensão inteligente do sentido da existência de cada um neste mundo se pode obter, a partir das experiências vividas. Infelizmente muitos pais desejam que os espíritos dos seus filhos funcionem à sua imagem

e semelhança — como se a compreensão madura de nós próprios e do mundo e as nossas ideias sobre o sentido da vida não tivessem de se desenvolver tão lentamente como os nossos corpos e espíritos.

Hoje, como em tempos idos, a mais importante e mais difícil tarefa na educação de um filho é ajudá-lo a encontrar um sentido para a vida. Para se conseguir isso são precisas muitas experiências de crescimento. Enquanto se desenvolve, a criança tem de aprender, passo a passo, a compreender-se melhor a si própria; com isso ficará apta a compreender os outros e, por fim, a relacionar-se com eles por vias mutuamente satisfatórias e significativas.

Para se encontrar um sentido mais profundo, é necessário transcender os estreitos limites de uma existência autocentrada e acreditar que havemos de dar uma significativa contribuição para a vida — senão imediatamente, pelo menos num qualquer tempo futuro. Este sentimento é necessário se quisermos sentir-nos satisfeitos connosco próprios e com o que fazemos. De forma a não estarmos à mercê dos caprichos da vida, é preciso desenvolvermos os nossos recursos interiores, para que as nossas emoções, imaginação e intelecto se apoiem e se enriqueçam mutuamente. Os nossos sentimentos positivos dão-nos a força para desenvolver a nossa racionalidade; só a esperança no futuro nos pode sustentar nas adversidades que inevitavelmente encontraremos.

Como educador e terapeuta de crianças com severas perturbações, a minha principal tarefa era restituir-lhes um sentido para as suas vidas. Tal trabalho tornou claro para mim que, se as crianças fossem educadas de forma a que a vida para elas tivesse significado, não precisariam de ajuda especial. Vi-me frente a frente com o problema de deduzir quais as experiências que na vida de uma criança eram mais adequadas para promoverem a sua capacidade para encontrar um sentido na vida;

para dotar a vida em geral de maior sentido. Relativamente a esta tarefa, nada é mais importante do que o impacto dos pais e dos que tomam conta de crianças; a seguir em importância, vem a nossa herança cultural, quando transmitida à criança de forma acertada. Quando as crianças são pequenas é a literatura que da melhor maneira contém essa informação.

Sendo assim, tornei-me profundamente desgostoso com muita da literatura destinada a desenvolver o espírito e a personalidade da criança, porque não estimula nem alimenta os recursos de que ela mais necessita, em ordem a enfrentar os seus difíceis problemas interiores. As cartilhas que lhe ensinam a ler na escola destinam-se a ensinar as habilidades (*skills*) necessárias, independentemente do seu sentido. A esmagadora maioria da restante chamada «literatura infantil» tenta divertir ou informar, ou ambas as coisas. Mas a maior parte destes livros são tão frívolos de substância que muito pouco de significativo se aprende com eles. A aquisição de habilidades, incluindo a capacidade para a leitura, perde valor quando o que se aprende não acrescenta nada de importante à nossa vida.

Todos temos a tendência para avaliar os futuros méritos de uma atividade com base naquilo que ela nos oferece agora. E isto é especialmente verdade para a criança, que, muito mais do que o adulto, vive no presente e, embora sinta angústia em relação ao futuro, tem a noção do que ele exigirá ou virá a ser. A ideia de que aprender a ler nos pode habilitar a enriquecer posteriormente a nossa vida futura é sentida como uma promessa vazia quando as histórias que as crianças estão a ouvir ou a ler são estúpidas. A pior característica destes livros para crianças é que eles burlam a criança naquilo que ela pode ganhar através da experiência da literatura: acesso a um sentido mais profundo e àquilo que é mais significativo para ela nesse estágio do desenvolvimento.

Para que uma história possa prender verdadeiramente a atenção de uma criança, é preciso que ela a distraia e desperte

a sua curiosidade. Mas, para enriquecer a sua vida, ela tem de estimular a sua imaginação; tem de ajudá-la a desenvolver o seu intelecto e esclarecer as suas emoções; tem de estar sintonizada com as suas angústias e as suas aspirações; tem de reconhecer plenamente as suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. Em suma, precisa de estar simultaneamente relacionada com todos os aspetos da sua personalidade — e isto sem nunca a amesquinhar, mas, pelo contrário, dando todo o crédito à seriedade das suas exigências e dando-lhe conjuntamente confiança em si própria e no futuro.

Neste e noutros aspetos, em toda a «literatura infantil» — com raras exceções — nada é mais enriquecedor e satisfatório, quer para a criança quer para o adulto, do que o popular conto de fadas. É verdade que num primeiro nível os contos de fadas ensinam pouco sobre as condições específicas da vida da sociedade moderna de massas; estes contos foram criados muito antes de esta sociedade aparecer. Mas podemos aprender mais coisas com estes contos, acerca dos problemas interiores dos seres humanos e das soluções acertadas para as suas exigências em qualquer sociedade, do que em qualquer outro tipo de história que esteja dentro do âmbito de compreensão das crianças. Uma vez que, em cada momento da sua vida, a criança é exposta à sociedade em que vive, ela aprenderá certamente a lidar com as suas condições, desde que os seus recursos interiores lhe permitam fazê-lo.

Exatamente porque a sua vida é muitas vezes desconcertante, a criança precisa mais do que ninguém que lhe deem a possibilidade de se compreender a si própria neste complexo mundo que vai enfrentar. Para o poder fazer, tem de ser ajudada a criar um senso coerente no meio do turbilhão dos seus sentimentos. A criança precisa de ideias sobre como pôr a casa interior em ordem e, nessa base, conseguir dar certo sentido

à sua vida. Precisa — e nisto quase não é preciso pôr ênfase neste ponto da nossa história — de uma educação moral em que com subtileza apenas se lhe transmitam as vantagens de um comportamento moral, não através de conceitos éticos abstratos, mas através do que parece palpavelmente acertado e portanto com sentido para a criança.

A criança encontra este género de sentido nos contos de fadas. Tal como muitas outras intuições psicológicas, isto já tinha sido há muito antecipado pelos poetas. O poeta alemão Schiller escreveu: «Existe um sentido mais profundo nos contos de fadas que me foram contados em criança do que na verdade que a vida ensina» (*The Piccolomini*, III, 4).

Ao longo de séculos (senão milénios) contados e recontados, os contos de fadas foram-se refinando cada vez mais e acabaram por transmitir, ao mesmo tempo, significações manifestas e latentes — dirigindo-se simultaneamente a todos os níveis da personalidade humana e comunicando de uma forma, que chega ao espírito inculto da criança, assim como ao do adulto sofisticado. Aplicando o modelo psicanalítico da personalidade humana, os contos de fadas são portadores de mensagens importantes para o psiquismo consciente, pré-consciente ou inconsciente, qualquer que seja o nível em que funcione. Lidando com problemas humanos universais, especialmente com os que preocupam o espírito da criança, as histórias falam ao seu *ego* nascente, encorajando o seu desenvolvimento, enquanto, ao mesmo tempo, aliviam tensões pré-conscientes ou inconscientes. À medida que as histórias se vão desvendando, elas dão crédito e corpo conscientes às tensões do *id* e mostram os caminhos para satisfazer as que estão alinhadas com as exigências do *ego* e do *superego*.

Mas o meu interesse por contos de fadas não é o resultado de uma tal análise técnica dos seus méritos. É, pelo contrário, a consequência de perguntar a mim mesmo porque é que (de

acordo com a minha experiência) as crianças — quer as normais quer as anormais e em todos os níveis de inteligência — acham os contos de fadas populares mais convenientes do que todas as outras histórias infantis.

Quanto mais eu tentava compreender porque têm estas histórias tanto êxito no enriquecimento da vida interior da criança, mais compreendia que elas, num sentido mais profundo do que qualquer outra leitura, começam onde a criança realmente está, no seu ser psicológico e emocional. Elas falam das suas severas tensões interiores de uma maneira que a criança inconscientemente compreende e — sem menosprezar as muito sérias lutas internas que o crescimento implica — proporcionam exemplos de soluções, tanto temporárias como permanentes, para as dificuldades prementes.

Quando um subsídio da Spencer Foundation me possibilitou o lazer para estudar quais as contribuições que a psicanálise pode dar para a educação das crianças — e já que ler ou ouvir são meios essenciais de educação —, parecia ser próprio utilizar esta oportunidade para investigar, com maior pormenor e profundidade, porque é que os contos de fadas populares são tão valiosos na educação das crianças. A minha esperança é que uma compreensão apropriada dos méritos ímpares dos contos de fadas levará pais e professores a conferir-lhes outra vez o papel central que eles desempenharam durante séculos na vida da criança.

OS CONTOS DE FADAS  
E O DILEMA EXISTENCIAL

Em ordem a dominar os problemas psicológicos do crescimento (ultrapassagem das feridas narcísicas dos conflitos edípicos, das rivalidades fraternas, das dependências infantis;

obtenção de um sentimento de personalidade e valor próprio e um senso de obrigação moral), a criança precisa de compreender o que se passa no seu consciente de forma a que possa enfrentar o que se passa no seu inconsciente. Ela pode conseguir este entendimento e, com ele, a capacidade de apontamento, não através de uma compreensão racional da natureza e do conteúdo do seu inconsciente, mas familiarizando-se com este por meio de devaneios — ruminando, reajustando e fantasiando elementos adequados para responder a tensões inconscientes. Procedendo assim, a criança acomoda o conteúdo inconsciente a fantasias conscientes, que então lhe permitem lidar com esse conteúdo. É aqui que os contos de fadas têm um valor ímpar, porque oferecem à imaginação da criança novas dimensões que seria impossível ela descobrir só por si. Mais: a forma e a estrutura dos contos de fadas sugerem à criança imagens através das quais ela pode estruturar os seus devaneios, e com isso orientar melhor a vida.

Na criança ou no adulto, o inconsciente é um poderoso determinante do comportamento. Quando o inconsciente é reprimido e ao seu conteúdo é negada a consciencialização, então o espírito consciente da pessoa acabara finalmente por ficar em parte esmagado pelos derivativos destes elementos inconscientes, ou então, ela será forçada a manter um controlo tão rígido e compulsivo sobre os mesmos que a sua personalidade poderá vir a ser gravemente afetada. Mas quando se permite que material inconsciente, em certa medida, atinja a consciência e possa ser elaborado através da imaginação, o seu potencial para fazer o mal — a nós próprios ou a outros — torna-se muito reduzido; algumas das suas forças podem então ser dirigidas para fins positivos. Contudo, a crença paternal dominante é que a criança tem de ser poupada daquilo que mais a perturba: as suas angústias sem forma nem nome, as suas fantasias caóticas, enfuradas, ou mesmo violentas. Muitos pais acreditam que só

a realidade consciente ou imagens agradáveis e que satisfaçam os nossos desejos devem ser oferecidos à criança — que ela deve ser exposta somente ao lado belo das coisas. Porém, um tal alimento unilateral nutre o espírito também só unilateralmente, e a vida real não é toda bela.

Há uma recusa muito generalizada em deixar as crianças saberem que a fonte de muito do que vai mal no mundo é devido às nossas próprias naturezas — a propensão que todo o homem tem para agir agressivamente, associalmente, egoistamente, por raiva ou angústia. Em vez disso, queremos que os nossos filhos acreditem que todos os homens são bons por natureza. Mas os miúdos sabem que *eles* não são sempre bons; e muitas vezes, mesmo quando o são, prefeririam não o ser. Isto vem contradizer o que os pais lhes dizem, o que faz com que a criança se veja a si própria como um monstro.

A cultura dominante deseja aparentar, especialmente no que diz respeito às crianças, que o lado sombrio do homem não existe, declarando acreditar num «melhorismo» otimista. A própria psicanálise é encarada como tendo por fim tornar a vida fácil — mas isso não era a intenção do seu fundador. A psicanálise foi criada para habilitar o homem a aceitar a natureza problemática da vida sem ser vencido por ela ou sem se entregar à fuga sistemática. A «receita» de Freud é que só através da luta corajosa contra o que parecem ser esmagadoras contrariedades é que o homem pode chegar a encontrar um sentido para a sua existência.

É esta exatamente a mensagem que os contos de fadas trazem à criança, por múltiplas formas: que a luta contra graves dificuldades na vida é inevitável, faz parte intrínseca da existência humana — mas que se o homem não se furtar a ela, e com coragem e determinação enfrentar dificuldades, muitas vezes inesperadas e injustas, acabará por dominar todos os obstáculos e sair vitorioso.

Os contos modernos para crianças evitam sobretudo os problemas existenciais, ainda que estes sejam questões cruciais para todos nós. A criança precisa muito especialmente de sugestões, em forma simbólica, sobre como lidar com estes obstáculos para chegar sem risco à maturidade. As histórias «inócuas» não mencionam a morte ou a velhice, nem os limites da nossa existência ou o desejo de uma vida eterna. O conto de fadas, pelo contrário, confronta a criança sem rodeios com as exigências básicas do homem.

Por exemplo, muitos contos de fadas começam com a morte da mãe ou do pai; nestes contos, a morte cria problemas angustiantes, como a própria morte, ou o medo dela, o faz na vida real. Outros contos falam de um pai idoso que decide que chegou a altura de a nova geração tomar as rédeas. Contudo, antes que isso aconteça, o sucessor tem de provar ser capaz e digno. O conto dos irmãos Grimm *As Três Penas* começa assim: «Era uma vez um rei que tinha três filhos... Quando o rei já estava velho e fraco, pensando no seu fim, não sabia qual dos filhos deveria herdar o seu trono.» Para se decidir, o rei dá aos filhos uma tarefa difícil; o filho que melhor a desempenhar «será rei depois da minha morte».

É característico dos contos de fadas expor um dilema existencial, concisa e diretamente. Isto permite que a criança enfrente logo o problema na sua forma mais essencial, ao passo que um enredo mais complexo seria para ela mais confuso. O conto de fadas simplifica todas as situações. As suas personagens são definidas com clareza; e os pormenores, a não ser que sejam muito importantes, são eliminados. Todos os caracteres são mais típicos do que invulgares.

Contrariamente ao que acontece nos modernos contos para crianças, tanto a maldade como a virtude se encontram omnipresentes nos contos de fadas. Em praticamente todos os contos de fadas o bem e o mal aparecem sob a forma de algumas

personagens e suas ações, tal como o bem e o mal estão omnipresentes na vida e as propensões para ambos se encontram em cada homem. É esta dualidade que põe um problema moral e exige um luta para a resolver.

O mal não deixa de ter os seus atrativos — simbolizados pelo poderoso gigante ou pelo dragão, pelo poder da bruxa, da astuta rainha em *Branca de Neve* — e muitas vezes está temporariamente em ascendência. Em muitos contos de fadas o usurpador consegue, por algum tempo, apoderar-se do lugar que, por direito, pertence ao herói — como as maldosas irmãs em *A Gata Borralheira*. Não é o facto de o malfeitor ser castigado no fim da história que faz com que os contos de fadas sejam uma experiência de educação moral, ainda que isso também seja uma parte da questão. Nos contos de fadas, como na vida, o castigo (ou o medo dele) é somente uma dissuasão limitada para o crime. A convicção de que o crime não compensa é uma dissuasão muito mais eficaz, e é por isso que nos contos de fadas os maus perdem sempre. Não é o facto de a virtude ganhar no fim que promove a moralidade, mas sim o facto de que o herói é extremamente simpático para a criança, a qual se identifica com ele em todas as suas lutas. Por causa desta identificação, a criança imagina que sofre com o herói todas as suas provações e tribulações, triunfando com ele quando a virtude triunfa também. A criança faz tais identificações por si própria, e as lutas interiores e exteriores do herói gravam nela a moralidade.

As personagens dos contos de fadas não são ambivalentes — não são boas e más ao mesmo tempo, como na realidade o somos. Mas uma vez que a polarização domina o espírito da criança, ela domina também os contos de fadas. Uma pessoa é boa ou má, sem meios-termos. Um irmão é estúpido, outro inteligente. Uma irmã é virtuosa e trabalhadora, a outra vil e preguiçosa. Uma é bela, as outras feias. Um dos pais é todo

bondade, o outro maldade. A justaposição de personagens opostas não tem por fim dar ênfase ao «bom» comportamento, como seria o caso nos contos de advertência. (Há alguns contos de fadas amorais em que o bem e o mal, a beleza e a fealdade não têm qualquer papel.) Estas personagens polarizadas permitem à criança compreender facilmente a diferença entre ambos os polos, coisa que ela não poderia fazer facilmente se os protagonistas fossem desenhados mais próximos da realidade, com todas as complexidades que caracterizam as pessoas reais. As ambiguidades têm de esperar até que se tenha estabelecido uma personalidade relativamente firme com base em identificações positivas. Só então é que a criança tem bases para compreender que há grandes diferenças entre as pessoas e que, portanto, tem de fazer uma opção sobre aquilo que quer ser. Esta decisão básica, sobre a qual todo o desenvolvimento posterior da personalidade será erigido, é facilitada pela polarização do conto de fadas.

Mais: as preferências da criança baseiam-se não tanto na oposição entre o bem e o mal como em quem desperta a sua simpatia ou a sua antipatia. Quanto mais simples e boa for uma personagem, mais fácil será para a criança identificar-se com ela e rejeitar a personagem má. A criança identifica-se com o herói bom não por causa da sua bondade, mas porque a situação do herói encontra nela um eco profundo e positivo. Para a criança, a questão não é «Quero ser bom?», mas sim «Com quem me quero parecer?». A criança decide isso com base na sua completa projeção numa personagem. Se esta é uma boa pessoa, então a criança decide que ela também quer ser boa.

Os contos de fadas amorais não mostram polarização ou justaposição de pessoas boas e más porque têm uma finalidade inteiramente diferente. Contos ou personagens como *O Gato das Botas*, em que o herói é bem-sucedido através das batotas que faz, e Jack, que rouba o tesouro do gigante, não propõem

opções entre o bem e o mal, mas proporcionam à criança a esperança de que mesmo os fracos podem triunfar. Afinal, para que serve ser uma boa pessoa quando um tipo se sente tão insignificante que acha que nunca chegará a ser alguém? A moralidade não é o objetivo destes contos, mas sim o sentimento de que é possível ser bem-sucedido na vida. Respondem assim a um importantíssimo problema existencial: a questão de se encarar a vida com confiança, na possibilidade de enfrentar e resolver as dificuldades ou, pelo contrário, com o sentimento antecipado da derrota.

Os profundos conflitos interiores, que têm origem nas nossas pulsões primitivas e nas nossas emoções violentas, são denegados na maioria da moderna literatura infantil, e desta forma a criança não encontra aí apoio na sua elaboração desses sentimentos. Mas a criança é sujeita a sentimentos desesperados de solidão e abandono, e frequentemente sente uma angústia mortal. As mais das vezes, não sabe exprimir tais sentimentos por palavras, ou só o pode fazer de forma indireta: tem medo da escuridão ou de algum animal, sente angústia pelo seu corpo. Uma vez que reconhecer estas emoções nos filhos cria mal-estar nos pais, eles tendem a ignorar ou a minimizar esses receios, com base na sua própria angústia, pensando que isso acalmará o medo manifestado pelas crianças.

O conto de fadas, pelo contrário, leva muito a sério estas angústias e dilemas existenciais e aborda-os diretamente: a necessidade de nos sentirmos amados e o medo de que pensemos que não prestamos para nada; o amor pela vida e o medo da morte. Além disso, o conto de fadas oferece soluções que a criança pode apreender no seu nível de compreensão. Por exemplo, os contos de fadas põem o problema do desejo da vida eterna, concluindo ocasionalmente: «Se eles não morreram, ainda estão vivos.» Outros acabam assim: «E viveram felizes para todo o sempre.» Contudo, não levam a criança a acreditar,

nem por um instante, que a vida eterna é possível. Mas indicam a única coisa que pode suavizar os estreitos limites da nossa passagem por este mundo: a formação de uma ligação verdadeiramente satisfatória com outrem. Os contos de fadas ensinam que através das ligações afetivas com outra pessoa atingimos a suprema segurança emocional e conseguimos as relações mais permanentes que estão ao nosso alcance; e só isto pode dissipar o medo da morte. Se encontramos o verdadeiro amor adulto, diz-nos também o conto de fadas, então não precisamos de desejar a vida eterna. Isto é sugerido por outro final: «Eles viveram por muito tempo, felizes e contentes.»

As pessoas mal informadas sobre o conto de fadas veem neste tipo de final a satisfação de um desejo infantil irrealista e escapa-lhes completamente a importante mensagem que é dirigida à criança. Estes contos dizem-lhe que, através da formação de uma verdadeira relação interpessoal, pode escapar à angústia da separação que a persegue (angústia essa que constitui o cenário de muitos contos de fadas e acaba por ser sempre bem resolvida no fim da história). Mais: a história diz-nos que este final não se torna possível (tal como a criança deseja e acredita) se uma pessoa se agarrar à mãe eternamente. Se tentarmos escapar à angústia da separação e da morte agarrando-nos desesperadamente aos nossos pais, acabaremos por ser cruelmente postos na rua, como Hansel e Gretel.

Só saindo para a vida é que o herói (a criança) pode encontrar-se; e deste modo encontrará também «outrem» com quem poderá viver feliz para sempre (isto é, sem ter de sentir outra vez a angústia da separação). O conto de fadas é orientado para o futuro e guia a criança (em termos que ela possa entender tanto do ponto de vista do seu psiquismo consciente como do seu inconsciente) no sentido de renunciar aos seus desejos de dependência infantil e realizar uma existência independente mais satisfatória.